

O LÉXICO A PARTIR DE UM OLHAR SOCIOLÓGICO THE LEXICON UNDER A SOCIOLOGIC LOOK

Luizane SCHNEIDER¹

RESUMO: Este artigo relaciona o Léxico com as Teorias Sociológicas. Primeiramente aborda-se o conceito de Sociologia a partir dos autores clássicos como Durkheim (1995), Marx (1998) e Weber (1990). Também evoca-se alguns autores contemporâneos como Deleuze (1992) e Foucault (2006) que refletem criticamente a respeito do trabalho do sociólogo e que demonstram que a Sociologia ajuda explicar fenômenos em diversas áreas. Com esse aparato sociológico, avança-se na questão lexical como meio de interação entre os indivíduos. Verifica-se os chamados “falares especializados” entre médicos e juristas que formam “ilhas de poder” de acordo com Foucault (2006). Outro fator essencial é como se dá o processo de aquisição lexical, para tanto Soares (1996), Berger e Luckman (1994), Bourdieu (1989) e Cabral (1974) ajudam explicar a competência lexical do falante. Ao se falar em léxico não se pode deixar de fazer uma reflexão crítica em relação aos dicionários, seja por priorizar a língua formal ou por perpetuar o preconceito em alguns termos. Para finalizar, analisa-se o poder lexical na Literatura como recurso causador da expressividade literária a partir de Almeida (2007), Adorno (1980) e Benjamin (1995), e a questão lexical intercultural baseando-se em Faraco (2006). Assim, objetiva-se entender que o acervo lexical, seja de um falante ou de uma comunidade se dá pelas inter-relações sociais entre os indivíduos, ou seja, a Sociologia tem um papel determinante na compreensão e na análise do léxico de um povo bem como de cada indivíduo em suas diversas fases.

PALAVRAS-CHAVE: Sociologia, Léxico, Dicionário, Cultura e Interação.

ABSTRACT: This article relates the Lexicon with Sociology based on classic authors as Durkheim (1995), Marx (1998) and Weber (1990). Also, contemporaneous authors are mentioned as Deleuze (1992) and Foucault (2006) who think critically about the sociological work and show the Sociology helps to explain phenomena in several areas. With such an apparatus at the lexical question as a mean of interaction among individuals it follows, then it analysis the “specialized speed” among doctors and lawyers who , according to Foucault (2006) build “power islands” for themselves. Another

¹ Luizane Schneider é aluna do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* - Mestrado em Letras – da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE – *Campus* de Cascavel; Linha de Pesquisa é Funcionamento dos Mecanismos Lingüísticos, e é orientada pelo Prof. Dr. Jorge Bidarra. Email: luizaneschneider@ yahoo.com.br



essential factor how the lexicon acquiring process happens, for such a task Soares (1996), Berger e Luckman (1994), Bourdieu (1989) and Cabral (1974) help to explain the lexicon competence in terms of lexicon. It is necessary to so a critical relexion towards the dictionaries, or to prioritizing the formal language or to perpetuate the prejudice on some terms. To end it analysis the lexicon power in the Literature as a resource that causes literaty expressivity based on Almeida (2007), Adorno (1980) and Benjamin (1995) and the intercultural lexicon question fundamented on Faraco (2006). This paper helps to understand that the Lexicon heap of a speaker or of a community comes to existence due to a social interrelation among individuals, i.e., Sociology has a determinant role in the comprehension and analysis of the lexicon of a people as well as of each person in its several fases.

KEY-WORDS: Sociology, Lexicon, Dictionary, Culture and Interaction.

INTRODUÇÃO

Como relacionar o léxico com as teorias sociológicas? Há alguma relação entre itens lexicais e classes sociais? De que forma o meio social influencia na aquisição lexical da criança? Os dicionários revelam discriminação na linguagem? Essas são algumas das principais indagações desse artigo que busca entender o léxico a partir de uma perspectiva não somente estrutural, mas, principalmente, sociológica.

Entende-se Sociologia como uma ciência que estuda o comportamento humano em função do meio e os processos que relacionam o indivíduo em associações, grupos e instituições, ou seja, a Sociologia busca compreender os fenômenos que acontecem quando vários indivíduos se encontram e interagem.

É fundamental entender a sociedade ou a Sociologia por meio dos três principais teóricos clássicos: Durkheim (1995), Marx (1998) e Weber (1990).

Durkheim (1995) vê a sociedade como um organismo e busca entender a realidade objetiva dos fatos sociais sem considerar os fatos históricos e o papel do indivíduo e sua subjetividade na organização social. Procura descobrir as leis de funcionamento da sociedade. Para o autor, o objetivo máximo da vida social é promover a harmonia da sociedade que é conseguida por meio do consenso social e da divisão do trabalho.

Para Marx(1998), urge estudar a sociedade por meio dos bens necessários à vida. Segundo ele, a realidade social é histórica, portanto, pode ser modificada pelos seres humanos. A realidade não é exterior aos indivíduos, mas sim construída por estes mesmos indivíduos. É por meio da diferenciação dos modos de produção que Marx identifica as



diferentes sociedades e considera fundamental que o homem tome consciência de sua realidade histórica para transformá-la.

Já Weber (1990) entende que os acontecimentos que integram o social têm origem nos indivíduos. O papel desses é importante no destino da história, porém a liberdade está ameaçada pela burocratização. Conforme Weber (1990), a realidade social é caótica, irracional, diversa e complexa. Ressalta que as concepções religiosas influenciam o comportamento econômico das sociedades modernas, podemos só conhecer um fragmento da realidade social, jamais o todo, por esse motivo, não existe nenhuma verdade em ciência, pois cada cientista vai dar um enfoque diferenciado a partir do recorte feito.

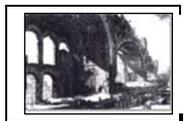
Pode-se perceber que nenhuma ciência começa do zero, existia uma Filosofia Social e não a Sociologia em si. A Filosofia está distante do homem, ou seja, encontra-se num plano mais teórico enquanto que a Sociologia alia outras disciplinas, age interdisciplinarmente porque ela se usa de todas as áreas e campos.

Deleuze (1992) faz uma reflexão crítica em relação ao trabalho do sociólogo, pois se tem a visão que esse profissional deva “resolver” os problemas da sociedade, isto é, seria até uma espécie de assistente social, porém essa não é a ocupação do sociólogo. Para ele, o sociólogo reflete e tenta compreender a sociedade, a partir de uma postura ética, ou seja, falar as coisas como elas realmente são e, acima de tudo, ele deve estar isento de valor. Também é necessário buscar um olhar de estranhamento ao que lhe é familiar. Principalmente, a Sociologia é uma forma de consciência.

No entanto, a Sociologia não é matéria apenas de interesse dos sociólogos. Ela ajuda a explicar fenômenos em várias áreas como administração, política, área jurídica, jornalística, publicitários, lingüistas e também ao homem comum. Nesse viés cooperativo da Sociologia entra a Lingüística.

A Lingüística distingue-se da Gramática Tradicional, uma vez que não tem interesse em prescrever ou ditar normas. Para a Lingüística, tudo o que faz parte da língua interessa e é matéria de reflexão. Dessa forma, as variações lingüísticas, sejam fonéticas ou lexicais, por exemplo, interessam à Sociolingüística que toma a sociedade como causa, vendo, portanto, na linguagem os reflexos das estruturas sociais.

Para Orlandi (1991), o objetivo da Sociolingüística é sistematizar a variação existente na linguagem. Considera-se que a língua não é homogênea, mas heterogênea e



dinâmica e mais, quando os homens se comunicam não é apenas para informar, mas para procurar dominar o mundo em que vivem, ou seja, estabelecer uma relação de poder.

Reiterando a mesma visão, segundo Foucault (2006), ninguém escapa da relação de poder, uma vez que esse poder se apresenta nas inter-relações humanas, nas relações práticas do dia-a-dia como a linguagem, por exemplo, e esses poderes se exercem em níveis variáveis e em pontos diferentes da área social.

Ao falar em Lingüística, pode-se recorrer a vários campos de análise. Entretanto, esse trabalho enfoca o léxico, também considerado parte da Lingüística. Silva (2002) define o léxico de uma língua como sendo o saber vocabular de um grupo sociolingüístico e culturalmente definido; é o conhecimento partilhado que povoa a consciência do falante, onde esse acervo se configura como verdadeira janela por meio da qual o indivíduo determina o seu entorno, ao mesmo tempo em que, ademais, revela os valores, as crenças, os costumes, os modismos que viabilizam a comunidade em que vivem. Ainda no léxico há as designações que rotulam as mudanças encadeadoras dos caminhos e descaminhos da humanidade.

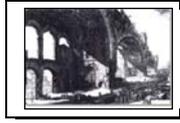
Enfim, o léxico de todas as línguas vivas sofre variações, palavras surgem, desaparecem, perdem ou ganham significações. Isso tudo se deve ao processo histórico e pelo fato de o falante pertencer a uma realidade social. O léxico assim como a sociedade para Marx são dinâmicos, sofrem alterações, mudanças.

A EXCLUSÃO PELA LÍNGUA

A língua na escola, muitas vezes, torna-se um grande problema, pois se obriga a criança saber a norma padrão e estigmatiza-se o saber lingüístico que ela traz consigo. É certo que não existe linguagem superior ou inferior, melhor ou pior, existem diferenças.

Para Soares (1996), a língua e o comportamento lingüístico dos falantes estão ligados à cultura e as relações sociais. As línguas são diferentes umas das outras, isso já é aceito, mas em relação às variedades lingüísticas de uma mesma língua é um fenômeno de difícil aceitação.

Na verdade, a dita superioridade lingüística se dá em função da estrutura social. Para Labov *In* Soares (1996), a situação social é o mais poderoso determinante de comportamento verbal e Bourdieu (1989) endossa essa idéia afirmando que não se pode



dissociar a linguagem da estrutura social em que é usada. Para ele, uma relação de comunicação lingüística não é apenas uma operação de codificação-decodificação, é fundamentalmente, uma relação de força simbólica determinada pela estrutura do grupo social em que ocorre a comunicação, ou seja, pelas relações existentes entre os interlocutores.

Na sociedade, além dos bens materiais-mercadorias, força de trabalho, serviços, circulam os bens simbólicos- informação, obras de arte, música, teatro e a linguagem é um desses bens simbólicos.

Soares (1996) ressalta que as relações de comunicação lingüística são relações de força simbólica, elas é que explicam por que determinados falantes exercem poder e domínio sobre os outros na interação verbal.

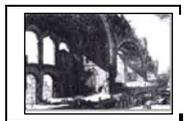
Para Osna (2007) as oligarquias criam uma espécie de dialeto e jargões que não possuem fundo léxico essencial nem sistema gramatical próprio. Fazem se passar por manifestações eruditas, mas na verdade são incultas e abjetas, sua origem é o arsenal de charlatanice que apodrece tanto mais se aprofunda o sistema semicolonial.

Dessa forma, a linguagem verdadeira não tem caráter de classe, pois precisa servir como meio de comunicação até mesmo entre dominantes e dominados. Porém algumas classes sociais lutam para obter um padrão lexical diferenciado, é a divisão do trabalho já cunhada por Durkheim (1995).

Nessa divisão, ocorrem os chamados falares especializados, uma vez que certas profissões desfrutam de regalias corporativas determinadas sócio-historicamente como sendo “superiores” a outras. É o caso dos juristas e dos médicos, por exemplo, que, ao dominar determinados jargões (juridiquês) formam “ilhas de dominação” e poder. No cenário atual, percebe-se que os juristas são os que mais utilizam itens lexicais inacessíveis e desnecessários. Para o jurista Rui Fragoso, a pretensa erudição dos juristas esconde a ausência de conhecimento da língua e a falta de argumentos.

Na “ilha” da medicina essa “falsa erudição” juntamente com a roupa branca, introduziu uma visão tecnicista da linguagem.

Sírio Possenti *In* Osna (2007) trata da bula de remédio que deveria servir para informar, mas na verdade só cumpre uma lei que manda informar. Assim, é por meio do léxico que os grupos semelhantes criam laços e se separam dos diferentes.



Magalhães (2004) afirma que a consulta médica se caracteriza pela forma textual de perguntas e respostas, com o controle interacional dos médicos. Isso significa que o controle é feito por quem detém o poder. Esse poder é destacado por Foucault:

Primeira questão: quem fala? Quem, no conjunto de todos os sujeitos falantes, tem boas razões para ter esta espécie de linguagem? Quem é seu titular? [...] A fala médica não pode vir de quem quer que seja; seu valor, sua eficácia, seus próprios poderes terapêuticos e, de maneira geral, sua existência como fala médica não são dissociáveis do personagem, definido por status, que tem o direito de articula-la, reivindicando para si o poder de conjurar o sofrimento e a morte. (FOUCAULT, 1987, 57.)

Magalhães (1994) assinala que o médico tem poder, inclusive de matar uma pessoa. Esse poder é social e histórico, afinal de contas, se tem a idéia de que “o médico estudou muito tempo”, é uma profissão tradicional e essa atividade é vista com grande respeito.

MEIO SOCIAL E AQUISIÇÃO DO LÉXICO

A competência lexical do falante é de fato um produto social, isto é, resultado de suas relações interativas na sociedade em que vive. Assim como a língua, a sociedade é heterogênea, portanto, espera-se que diferentes grupos sociais utilizem vocabulários diferentes, pois as condições socioeconômicas interferem na aquisição do Vocabulário Básico do Português Brasileiro.

Para Cabral (1974) a faculdade da linguagem é um universal. Existem as premissas psicobiológicas sem as quais essa faculdade não se exerce. Mas, para que ela se exerça é necessário que o indivíduo esteja em contato com um corpus de qualquer língua que é um produto cultural. A faculdade da linguagem desenvolveu-se num processo que durou mais de um milhão de anos e significa a mais importante conquista como instrumento da luta pela sobrevivência na vida em sociedade.

Geralmente até os cinco ou seis anos a criança faz o entrosamento entre o corpus da língua dos adultos e o sistema de regras que permite gerar todas as orações gramaticais da língua e uma base lexical que irá enriquecer durante a vida toda, conforme suas menores ou maiores experiências culturais.

Para Berger e Luckman (1994), a socialização primária é a infância. Nesse momento, a aquisição lexical se dá num alto grau de emoção, os pais são fundamentais



nesse processo de socialização e a linguagem é o mais importante instrumento de socialização, “o principal veículo no progressivo processo de tradução da realidade objetiva para a subjetiva”.

Logo, o desenvolvimento da linguagem se dá pela interação entre a criança e o adulto. A aquisição do léxico é totalmente social, dependente dos contatos e do acesso a informações e à escolarização.

A família é o principal agente de socialização da criança, é nela que se encontram os valores que serão transmitidos para a criança.

Segundo Genouvier e Peytard *In Souza (2005)*, o léxico do aluno dependerá, em grande parte, da capacidade de seu ambiente familiar em manter com ele discussões e diálogos, em orientar sua curiosidade para temas diversificados, em cercá-lo do que se convencionou chamar de “clima cultural”; é pelo multiplicar-se das trocas lingüísticas com seu meio que o aluno aprende a precisar o sentido das palavras e estende a área de seu léxico.

Outro fator importante, segundo Biderman (2001) é que qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades.

Qualquer indivíduo vive em processo contínuo para a aquisição do léxico e um dos recursos fundamentais para a ampliação lexical é a leitura, seja de jornais e revistas ou dos clássicos da Literatura. Esses últimos, além de oferecer um repertório lexical variado, ainda ajudam o indivíduo a entender a realidade social de determinadas épocas. Esse assunto será tratado posteriormente com maiores detalhes.

VARIABILIDADE LEXICAL, CULTURA E LITERATURA

A língua é dinâmica. Ela varia com o tempo, com a região, sexo para sexo e idade. Do mesmo modo, os itens lexicais evoluem, surgem assim os neologismos.

Neologismo é definido pelo terminólogo francês Boulanger (1979) como unidade lexical de criação recente, uma nova acepção da palavra já existente, ou uma palavra recentemente emprestada de um sistema lingüístico estrangeiro e aceito numa língua.

Já Guilbert (1975) diz que o neologismo surge com uma nova descoberta científica, de uma modificação na vida social, de um momento de pensamento. O neologismo é criado tanto pelo sábio quanto pelo ignorante.



O neologismo literário é percebido em obras de grandes autores clássicos como Dante, Shakespeare e, é claro, em nosso Guimarães Rosa.

Para recriar a realidade Guimarães Rosa brinca com os aspectos morfosintáticos do português, ao criar neologismos e construções sintáticas que causam estranhamento no leitor. Dessa forma, a literatura, ou melhor, as obras literárias podem servir como objetos de estudos sociológicos e como análise de determinada realidade social.

Como esse viés de análise sociológica é o léxico, não se pode deixar de mencionar a relação entre literatura e sociedade, seja pela análise das variações lingüísticas ou pelos aspectos da realidade social retratados por determinadas obras.

Almeida (2007) faz um retrospecto histórico em relação a esse ponto. De acordo com seus estudos foi madame de Staël (1766-1817) a primeira a escrever sobre Literatura e Sociedade, no intuito de encontrar um método capaz de extrair todo “sumo social” dos textos literários. O pensador marxista alemão Walter Benjamin (1892-1940) analisou as transformações urbanas de Paris a partir da obra e a vida de Baudelaire. Outros pensadores como o filósofo italiano Gramsci (1891-1937), o húngaro György Luckás (1885-1971) é o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002). No Brasil, os estudos sobre Literatura e Sociedade têm início no século XIX com críticos como Sílvio Romero (1851-1914), José Veríssimo (1857-1916) Araripe Júnior(1848-1911) e no século XX, Antonio Cândido e Roberto Schwarz.

Pode-se entender determinados fatos históricos por meio da Literatura, até mesmo a evolução lingüística de uma nação. É importante perceber a dificuldade que os alunos do Ensino Médio possuem em ler as obras de Machado de Assis, isso se deve principalmente aos itens lexicais utilizados pelo autor e que estão distantes do modo de falar dos adolescentes.

Percebe-se como a Literatura é importante para entender a relação entre mudança lingüística e neologismo.

Como já dizia o escritor naturalista francês, o Conde de Buffon “só as obras bem escritas hão de passar a posteridade”. Não somente o dito buffoniano é unânime, mas também a maioria dos teóricos da literatura considera inseparável a idéia do estilo da expressividade lingüística, sem o que não haveria Literatura. Nota-se, portanto, que o estilo literário recorre aos itens lexicais.



Estilo literário ou a arte de bem escrever não pode ser confundido com correção gramatical, pois dessa forma não é arte.

Tanto no romance quanto na poesia o autor busca encontrar o termo exato para expressar suas idéias, transmitir emoções. Roland Barthes diferencia estilo de escritura. Para ele, estilo é uma linguagem autárquica que mergulha na mitologia pessoal e secreta do autor, revestido até de um tom enigmático. Todo esse poder literário é resultado da escolha lexical. O autor não pode fazer uso de qualquer palavra, às vezes, até rompe com as regras morfológicas e cria novos vocábulos que podem causar estranhamento no leitor e provoca um efeito de sentido definidor da obra.

Conforme Correa (1978), o autor é absorvido pelo seu trabalho e, embora o estilo não se esgote nos seus elementos formais (sintaxe, itens lexicais), não há dúvida que é através da representação verbal que podemos estabelecer as suas qualidades, estudar seu mecanismo interno ou as linhas mais características que presidiram à sua elaboração. Este, positivamente, é o procedimento mais comum – o que se limita a investigar o processo de composição, ao passo que o outro penetra mais fundo, devassa os tecidos, procura descobrir os resíduos psíquicos ou as intenções subconscientes que se insinuam nas palavras.

Para Adorno (1980), obras de arte têm sua grandeza unicamente em deixarem falar justamente que a ideologia esconde e ela é produzida por seres que podem se dedicar a esse trabalho.

A subjetividade lírica deve sua própria existência ao privilégio: somente a pouquíssimos seres humanos foi dado a despeito da pressão da necessidade vital, captar o universal no mergulho em si mesmo ou, mesmo, simplesmente desenvolver-se como sujeitos autônomos, mestres da livre expressão de si mesmos. (ADORNO,200,1980)

Dessa forma, pode-se ver que a obra, especificamente, a arte literária reproduz a sociedade, sua cultura, suas crenças, suas ideologias e revela a identidade cultural de um povo. E, o mais importante, tudo isso é criado palas palavras, sejam elas utilizadas na forma padrão, coloquial ou com a criação de neologismos. É nas palavras, no léxico que está a cultura e a identidade de um povo.



Para Cabral (1974) o léxico pode revelar os interesses culturais de uma dada comunidade. Conforme ressaltava E. Sapir, os sistemas lingüísticos apresentam uma evolução muito mais lenta do que os demais fatores da cultura. Isto diz respeito ao sistema fonológico, morfológico e sintático. O léxico é o componente mais fluante e mais sensível às mudanças culturais.

Nele pode-se distinguir o *básico* que se refere às significações universais como as partes do corpo e o *léxico cultural* que é específico de determinada comunidade. Logo, comunidades que desenvolvem a pesca terão uma maior riqueza de itens lexicais do que comunidades dedicadas ao plantio. Esses fatores se verificam também entre todas as profissões, cujos itens lexicais são mais ricos por exemplo, médicos, engenheiros, jogadores de futebol. Determinados profissionais devido justamente à sua profissão ampliam seu léxico na área de atuação específica.

Outro ponto importante são os empréstimos lexicais, ou seja, palavras de outras línguas que vão entrando na Língua Portuguesa através dos tempos. Os empréstimos lexicais têm origem no contato entre as culturas e na influência que uma cultura exerce sobre a outra em vários aspectos do comportamento e da vida social. São exemplos de empréstimos antigos: abajur, sutiã, pincenê; já teens, shopping, show, xampu e xerox são exemplos de alguns empréstimos mais recentes.

Discutiu-se e ainda é motivo de discussões se termos estrangeiros deveriam ser abolidos do Português. Há, de fato, um uso excessivo, principalmente de palavras oriundas do Inglês em vitrines de lojas e empreendimentos imobiliários. Essa assimilação de palavras ou itens lexicais pode significar o enriquecimento do idioma.

Ao se analisar o acervo lexical de uma língua qualquer numa perspectiva histórica, percebe-se que sua constituição nunca é homogênea. Palavras oriundas de diferentes línguas vão continuamente se agregando ao estoque lexical básico. Incorporar palavras de outras línguas é uma condição geral das línguas.

Faraco (2006) em seu artigo *Estrangeirismos e antropofagia brasileira* faz uma retrospectiva histórica dos estrangeirismos. De acordo com ele, o português, em todos os espaços em que é falado (Europa, América, África e Ásia) não é nem poderia ser exceção a essa regra, ou seja, ser livre de termos estrangeiros. Nossa língua não poderia ter pulado das 40 mil palavras do século XVI para as 400 mil de hoje (segundo dados do filólogo Antônio



Houaiss) sem ter se apropriado de palavras de outras línguas, além, é claro de utilizar regularmente seus próprios mecanismos de geração de palavras novas.

Esses fatores permitem à língua a possibilidade de se manter adaptada às contínuas mudanças trazidas pela dinâmica histórica das sociedades humanas, em especial pelo contato intercultural.

Ao se verificar as apropriações lexicais no decorrer dos tempos, percebe-se que a origem maior de nosso vocabulário é o latim. Como também há muitas palavras de origem grega, inglesa, germânica, árabe, indígena, italiana, francesa entre outras. Além disso, nós também exportamos palavras. O diplomata Sérgio Côrrea da Costa fez um levantamento que chamou “palavras sem-fronteiras”, aquelas que podem ser encontradas em diversos países, sempre com o mesmo sentido. Por exemplo, azulejo, barroco, coco, fado, favela, macumba, manga, samba, saudade, sertão, varanda.

DICIONÁRIOS E DISCRIMINAÇÃO

Ao se falar em léxico, nosso pensamento se remete de imediato aos dicionários. Os dicionários estão presentes em pelo menos dois terços dos lares brasileiros. Ele é utilizado nas escolas e visa ao aprimoramento lingüístico dos falantes e disseminar a cultura letrada.

O léxico de uma língua também transmite a cultura de um povo, ou seja, é um acervo cultural e também é considerado objeto da norma.

Porém ao se verificarem determinados vocabulários, percebe-se a ideologia e certos preconceitos na designação de alguns vocábulos.

É o caso do verbo *denegrir* que explicita um conteúdo semântico forte, discriminatório. Esse verbo nos remete a aspectos negativos como “ tornar negro, escuro, infamar, macular, ou seja, transmite certa idéia racista. Verifica-se também o verbo *judiar* que é maltratar, assume um aspecto negativo e tem sua origem em *juden*.

Logo, sem perceber os itens lexicais de dada língua além de promover a interação, trazem consigo uma ideologia e a perpetuação da discriminação construída historicamente.

Berger (2002) se refere à ideologia do dominante que determina as idéias que são convenientes para a manutenção do social. A língua transmite os padrões e as regras sociais.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desse artigo a respeito das relações entre léxico e Teorias Sociológicas é indispensável salientar a contribuição da Sociologia para uma melhor compreensão dos aspectos lexicais de um povo. Isso se deve ao fato da Sociologia poder fundamentar teoricamente a compreensão do mundo em seus diversos aspectos, principalmente, em termos de normas e valores sociais relacionados à sociedade.

O estudo do léxico nos permite depreender uma série de conceitos e valores sociais pela análise simples de determinados itens lexicais. Esses itens são capazes de modelar a cultura e revelar muitos enigmas de um povo.

A língua e a cultura são indissociáveis, não se aprendem num lugar específico, mas adquire-se ao sabor do cotidiano, das interações com o próximo.

O léxico funciona como a alma do homem. É por meio das palavras que o homem expressa seus medos, angústias, sonhos, tristezas. E mais importante que tudo isso é a relação do indivíduo com seus semelhantes. Seja de maneira igualitária, de dominado ou dominante vivemos em sociedade.

Dominar o acervo lexical culto de uma língua implica poder. Muitas pessoas são deixadas à margem da sociedade justamente por não dominarem o padrão lingüístico. Esse fato está diretamente ligado à cultura e à realidade social do indivíduo.

O homem com sua capacidade criadora incorpora à Literatura os aspectos lexicais de sua cultura, buscando atingir a excelência em sua obra. Estudar, conhecer a Literatura através dos tempos nos proporciona descobrir a grande mudança lingüística que ocorre com o passar dos tempos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Rodrigo Estramanho de. *Literatura e realidade social*. Revista Sociologia. São Paulo, ano I, n.8, p.70 a 77, 2007.

AZEREDO, José Carlos de. *Língua Portuguesa em debate: Conhecimento e Ensino*, 3^a ed. Vozes, Petrópolis, 2002.

BASÍLIO, Margarida. *Estruturas Lexicais do Português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.



BENJAMIN, Walter. “O narrador. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov”. In *Magia técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. “A obra de arte na era de sua reproduzibilidade técnica”. In *Op.cit.* Adorno, Theodor. “Conferência sobre lírica e sociedade”. In *Textos escolhidos*. Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor W Adorno, Jürgen Habermas. Coleção Os pensadores. São Paulo: abril Cultural, 1980.

BERGER, Peter. *Perspectivas Sociológicas: uma visão humanística*. 25ªed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Tratado de Sociologia do Conhecimento. 11ªed. Petrópolis: Vozes, 1994.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria Lingüística (lingüística quantitativa e computacional)*. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Lisboa, Difel/Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989.

CABRAL, Leonor Scliar. *Introdução à Lingüística*. Porto Alegre: Porto Alegre: Globo, 1974.

DURKHEIM, Èmile. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

FIGUEIRÓ, Ana Maria & outros. *Sociologia*. Florianópolis: UDESC, 2001.

FOULCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 22ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

_____. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1998.

LACERDA, Gustavo Biscaia de. *O fundador da Sociologia*. Revista Sociologia. São Paulo, ano I, n.8, p. 38 a 46, 2007.

MAGALHÃES, Izabel. *Teoria Crítica do Discurso e Texto*. Revista Linguagem em (Dis)curso, vol.4, n. esp., 2004.

MARX, Karl & ENGELS, Friederich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

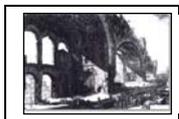
ORLANDI, Eni Pulnicelli. *O que é Lingüística*. São Paulo: Ática, 1990.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 14ª ed. São Paulo: Ática, 1996.

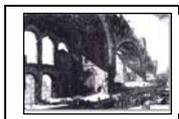
SOCIOLOGIA, Disponível em: <[http:// www.wikipedia.com.br](http://www.wikipedia.com.br)>. Acesso em: 15 jun.2007, 20:48:36.

SOUZA, Vanzorico Carlos de. *O vocabulário básico do português no processo de aquisição da língua materna*. Dissertação de Mestrado. São José do Rio Preto: UNESP, 2005.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Lisboa: Editorial Presença, 1990.



Travessias número 01
Pesquisas em educação, cultura, linguagem e arte.



Travessias número 01
Pesquisas em educação, cultura, linguagem e arte.
